

**Deponente:** Carlos Antônio Melgaço Valadares.

**Entrevistador:** Helena Maria Penna Amorim Pereira, Thelma Yanagisawa Shimomura.

**Data:** 14 de outubro de 2014.

**HELENA:** Comissão da Verdade de Minas Gerais, hoje é dia 14 de outubro de 2014. Estamos aqui tomando o depoimento, o testemunho de Carlos Melgaço Valadares, mineiro de Sete Lagoas, ele vai nos relatar a sua saga aqui em Belo Horizonte no ano de 68, 69 em diante. Carlos, com a palavra.

**MELGAÇO:** É importante prestar o depoimento e esclarecimentos sobre o que aconteceu naqueles anos pós-Ditadura Militar e que marcou profundamente toda uma geração de jovens, inclusive eu naquela época. Eu fui preso dia 31 de julho de 1969 em uma casa no bairro Barreiro, e eles chegaram na casa já violentamente, derrubando porta, e iniciaram, logo que pediram documentos, eu mostrei meus documentos, eles gritaram “É o Melgaço”, e já sabiam quem eu era, porque minha mulher já tinha sido presa e (trecho incompreensível) da minha mulher. E aí, eles já tinham algumas informações sobre mim e já começaram o espancamento assim, o mais brutal naquele momento. Em primeiro lugar, quer dizer, soco, ponta pé e tudo, e não tinham outros instrumentos de tortura, pegaram um martelo e me quebraram o (trecho incompreensível) do pé. E em seguida, pegaram o batedor de bife e batiam na cabeça, que é um lugar que sangra muito e que praticamente fiquei todo molhado de sangue. E batendo com os cassetetes em todas as partes, particularmente, nas articulações. Batiam, que é uma parte dolorosa, batia aqui, batia no outro, mas principalmente uma agressão violenta, socos, murros, ponta pés e tal. Comunicaram pro comandante, o chefe do IPM, Coronel Goes, que mandou levar para o (trecho incompreensível) RI. Nesse local estavam... Era o Tenente Jésus, o Marcelo, tinha, tinha um outro, um negro que eu não consegui identificar na época... E tinha também... O Marcelo era do exército, o Jésus era da PM. Aí, terminou esse espancamento, levaram para o 12 RI, isso já devia ser quase meia-noite. E no 12 RI, começaram o espancamento meu e dos outros presos. (Trecho incompreensível) Seabra, que tinha sido presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, em 64 tinha sido cassado, depois conseguiu de novo a eleição e tinha sido cassado de novo. Mario Bento, que era outro diretor do Sindicato. Zé Afonso Alencar, que era um advogado já, e Ricardo Gonçalves Angelim, que era baiano e que estava chegando aqui

em Minas para dar continuidade ao trabalho. Eu deveria sair daqui para atuar em outro estado, mas o pessoal pediu para mim vim pra ajudar, como eu conhecia muita gente e tudo, ajudar a saída de pessoas daqui para outros estados que estavam sendo procuradas. Praticamente já tinha feito isso, o pessoal já tinha saído, pessoal do trabalho de campo, eles estavam muito interessados, esse pessoal também já tinham todos deslocados, entre eles o irmão de Nilmário Miranda. Nilmário Miranda que na época também estava na atividade com a gente. E, a partir daí, queriam saber trabalho camponês, gráfica, biblioteca, (trecho incompreensível) que eu é que sabia aonde tinha essas coisas. E queriam saber as informações sobre as pessoas. Minha mulher já tinha sido presa Loreta aqui de Valadares, em 14 de junho de 69. E foi preso na casa de uma cidade religiosa, o Drauco, e que recebia pessoas de vários locais, dava hospedagem e tudo. Era uma entidade religiosa bastante aberta e que ajudava praticamente todo mundo. Eles foram lá, sem saber exatamente, e minha mulher tinha ido para lá porque já tinha sabido de prisões de outras pessoas. Então, com isso, eles prenderam, deve ter sido mais de 80 pessoas nessa casa, pessoas que não tinham nada a ver com nada e no fim restringiram as investigações mais às cinco mulheres, que mais tarde ficaram conhecidas como “As Moças de Minas”, que praticamente tinham resistido a todo tipo de tortura. As latinhas, tinham resistido a espancamento, choques elétricos (trecho incompreensível) também, com ofensas sexuais. Então foi, era um quadro assim e que no tempo passante, já tinha um mês e meio e não tinham informações nem de que organização era aquela. Então, eles estavam meio desesperados também para colher informações, para poder inclusive concluir inquérito. Já tinha saído denúncias das torturas que essas pessoas estava sofrendo e com a minha prisão, então aí a situação mudou. Mas, na minha prisão, ao levar para o 12, já começaram de novo um espancamento violento, algemado de todos esses, os cinco foram pegos lá, esses cinco citados. E concentrando mais em mim. E já tinham ameaçado diversas vezes minha esposa, em função de que iam prender a mim e aí eles queriam ver se, ao me torturarem, se ela falaria alguma coisa. E então ela tava presa na penitenciária de mulheres, ali no Horto, e por coincidência eu morava na mesa rua (trecho incompreensível), então era só seguir um pouquinho mais e estava lá. Então ela já tinha sido presa, estava lá e todo tempo sendo ameaçada com isso. Aí nesse dia levaram pro 12 RI para que ela testemunhasse que eu estava sendo torturado e a partir daí falasse alguma coisa. E foi justamente, no início ela não conseguiu me identificar, esse relato está hoje no livro “Estilhaços”, que ela escreveu, que eu anexei um depoimento da Comissão da Verdade

da Bahia, e que descreve assim basicamente o que que é você ver uma pessoa querida sendo torturada, quer dizer, que às vezes é mais forte do que você mesmo ser torturado. E continuou, quer dizer, que eu, aí me levaram, era uma pequena sala que eles espancavam todos, e quando ela chegou me colocaram no pátio e espancando, pontapé, pulando no tórax, quebrando costelas, quer dizer, foi um negócio assim, de uma barbárie violenta. Nesse, nesse quadro então ela fala assim: “Não, ele não pode estar sendo preso, porque ele não tá nem aqui no estado”, que ela tinha pensado que eu estava em São Paulo, e eu tinha voltado de justamente para poder retirar as pessoas. Então “Não, não está, não e tal”, aí ele falou: “É, mas ele ali”, aí acenderam os faróis do Jipe e me botaram de pé e ela identificou, mas aí o diálogo todo é que a partir daí ela não ia falar mais nada. Então foi aí que... O contrário. Nessa situação, quer dizer que prosseguiram o, quer dizer queriam o espancamento, mas assim, depois eu fiquei todo roxo durante um bom tempo, porque era espancado não só nas articulações, que é extremamente doloroso, mas no corpo todo, e os pontapés de todo tipo. Nessa situação, como não conseguia nenhum tipo de informação, nem dos cinco, nem dela, aí vendo que já estava amanhecendo, me levaram pra essa casa ou clube... É, prisão, na Pampulha ou Venda Nova. Porque eu consigo identificar mais o rumo que estavam. Lá, eu já estava praticamente inconsciente, mas eles voltaram a torturar mais um dia. No segundo dia, eles tavam falando assim: “a situação dele é grave”, porque eu já tava com incontinência urinária, incontinência fecal, (trecho incompreensível) devo ter tido alguma lesão de coluna, “Deixa morrer ou leva?”, a discussão que eles estavam vendo era essa. Aí, resolveram me levar para o Pronto Socorro. O pessoal lá do 12 RI, os torturadores, que recentemente a gente fez a visita com a Comissão Nacional (trecho incompreensível) e identificamos o local provável onde ocorreu essas torturas. E o Coronel Valdir Teixeira Goes era o chefe do IPM, era (trecho incompreensível) Lacerda, que era também do exército e que quase sempre aparecia como bonzinho, um torturava e o outro fala assim “Não, meu filho é parecido com você, você deve dizer alguma coisa, o que a gente está querendo é acabar com esse IPM, está demorando muito e com a repercussão negativas”, então... O tenente Marcelo, que é um consciente de que o Estado devia executar torturas, ele prestou um depoimento a revista Veja falando que tinha torturado mesmo e que devia torturar. Então, não um negócio assim. Ele foi um dos primeiros da repressão a reconhecer que tinha torturado. Tinha... O tenente Marcelo, tinha o tenente Pádua, o Léo, Sargento Léo, e não sei se tinha outras pessoas do DOPS. E era um pátio com vários oficiais, soldados e pessoas do golpe, mas o pessoal mais do centro de

torturadores, eram esses. Nessa cadeia foi basicamente Goes e Capitão Paixão, que eram os dois, o escrivão e o chefe de inquérito. Eles decidiram então me levar para o Pronto Socorro devido à condição de saúde, e no Pronto Socorro chegaram com a informação de que eu era um indigente, não identificado, e que tinha sido atropelado por um caminhão e que eles estavam trazendo ali para prestar socorro. Só que eu tinha feito estágio de medicina no Pronto Socorro, eu conhecia todo mundo, todo mundo me identificou e aí espalhou na cidade, porque eu era conhecido. Eu tinha sido diretório, tinha participado ativamente de toda movimentação depois de 64, eu, Apolo (trecho incompreensível) e tudo, a gente participou de todas as passeatas, e calouro, panfletagem de movimentos contra a ditadura. Então não tinha muito jeito assim de não ter uma repercussão grande. Aí, eles quiseram me levar para o Hospital Militar, só que esse problema do Hospital Militar, os médicos falaram assim “Se ele sair daqui, ele não consegue resistir”. Nesse, eu fiquei então na UTI, mais ou menos uma semana, quem esteve comigo na UTI foi Irani, que...

**MELGAÇO:** Na UTI mais ou menos uma semana. Quem esteve comigo na UTI foi Irani. Que Irani era também um funcionário da medicina, que tava sendo procurado, era mais (trecho incompreensível) para salvar da colina, e o ônibus que ele estava viajando caiu do Viaduto das Almas e ele foi um dos poucos sobreviventes. E o cara que tava procurando ele faleceu no acidente. Então, ele estava com (trecho incompreensível), mas ele já estava em uma situação, já tinha feito cirurgias, depois disso ele também foi torturado, mas ele é que depois me relatou que eles me interrogaram dentro da própria UTI. Lá, faziam perguntas e tudo e que eu respondia as coisas mais (trecho incompreensível) sem também nenhuma informação. Então foi uma pessoa que me viu lá. E têm colegas de turma, da faculdade, que também me viram, não sei hoje, mas há algum tempo atrás estavam dispostos a dizer que eu estive lá. É interessante dizer o seguinte, não existe nenhum registro que eu tenha estado em algum momento no Hospital Pronto-Socorro. Aí depois de uma semana mais ou menos, me levaram para o Hospital Militar. No Hospital Militar, eu já estava enfaixado, em fase de recuperação e fiquei, mais ou menos, até, dois meses ao todo, da prisão até esse período. E lá também, quer dizer, tive vários colegas de turma que trabalhavam lá e aí também ajudaram. Inclusive tem muita, eu também não sei, que é o Hélio, que também me disse que me atendeu lá. Vários outros me falaram que tinham me atendido, mas nem me preocupei assim, mas que também não existe nenhum registro de atendimento, que é totalmente contrário a qualquer tipo de, do ponto de vista ético. Se você foi atendido, seja em uma

clínica, seja em um consultório particular, o registro permanece. A pessoa tem direito a isso. Tentei, mas não tinha nada. No Hospital Militar houve esse processo de recuperação, eu consegui passar uma mensagem para a minha família que eu estava preso lá. Meu pai conseguiu forçar e foi me visitar lá no Colégio Militar. É bom lembrar também que meu pai, Irineu Valadares da Fonseca, e minha irmã, Marilene Melgaço Valadares, foram presos para que eles tentassem me localizar. Meu pai ainda esteve em Neves, mas o pessoal, (trecho incompreensível), Maurício, o... Pessoal ficou lá mais 10 dias, 14 dias no colégio, na penitenciária de Neves. Aí eu não sei, porque, assim, essa diferença eu não sei e hoje já não, não pode participar disso. Mas foram presos, meu pai foi acusado de ser Secretário Financeiro de uma organização não identificada, porque ele quando foi preso, ele tinha ido na casa que eu tinha alugado, que era, eu não sabia o número, passei para ele para poder pagar aluguel e rescindir o contrato. Quando ele chegou lá, o pessoal prendeu e ele estava com dinheiro, ele morava em Sete Lagoas, e minha mãe e meus irmãos aqui. Ele trouxe o dinheiro para pagar o aluguel, trouxe o dinheiro para deixar com minha mãe para pagar as coisas de estudos e tal. E foi acusado de ser o Secretário Financeiro da organização. Eu não sei que organização... E ficou preso, a própria família entrou em ação, tinha gente da Secretaria de Segurança Pública e tal, conhecia (trecho incompreensível) “Que negócio é esse?”, nunca teve atuação política, a não ser apoiar os (trecho incompreensível). Quer dizer, é o máximo assim de posição, inclusive é bom deixar, na primeira campanha de Lula, votou contra Lula, porque Lula é comunista e ia tirar o dinheiro dele. E quando Collor assumiu, tomou o dinheiro dele. Na outra eleição, aí já votou. Porque falou assim “Não, esse aí não vai tomar”. Mas, por uma pressão assim, junta família, para, por exemplo, prendia meu pai, minha irmã, a partir daí falava “Agora ele também vai ter que se entregar, porque senão vai ficar pior para o pai e para irmã”. E, enfim, no Hospital Militar eu consegui uma visita do meu pai, única coisa assim curiosa, foi o negócio (trecho incompreensível). Meu pai é daqueles interiores de trabalhar na enxada, curso primário, mas também viajava. Pegou o cavalo dele, uma máquina fotográfica, uma 38 e foi parar em Santa Cruz da La Sierra. Tirava retrato e trabalhava em várias coisas, trabalhou na construção da ferrovia. Como era um dos poucos que sabia ler, virou chefe de almoxarifado, depois foi para Rio, São Paulo. Então é um cara que (trecho incompreensível) no ato. E o coronel chamou ele para permitir a visita para falar assim “Olha, seu filho está nessa condição, diga para ele que ele tem de dizer o quê que ele sabe, senão ele vai continuar nessa situação”, aí (trecho incompreensível) “Diga para ele, mas vou dizer o que para ele? Dizer o quê? Não vou

dizer”. Aí o coronel falou assim “É porque se não disser nada, eu vou ser obrigado a colocar ele em um quarto com cascavel, com cobras venenosas e aí não vai ter jeito, ele vai ter que ficar lá”. Eu escutando e meu pai lá, e meu pai, ele continuou falando para o meu pai assim (trecho incompreensível) alguma coisa (trecho incompreensível). Aí meu pai falou assim “Olha, eu gostaria de dizer o seguinte, oh, meu filho, escuta bem, cobra não tem problema nenhum, se te puser lá você entra, fica quietinho lá que não tem problema. Quando eles abrirem a porta, você faz assim, elas vão atacar os caras que estão na porta. Aí o coronel falou assim “Eu já falei que era para você falar para ele falar alguma coisa”, mas é um negócio assim, porque é aquele negócio... Perguntaram para ele também se ele, onde é que eu estava. Ele falou assim “Coronel, eu não sei”, ele repetia, aí quando ele insistia, “Coronel, eu não sei, mas você acha que se eu soubesse eu iria dizer para ver como esses meninos estão sendo torturados?”, os meninos eram esse pessoal que estavam lá em Neves. Tem um negócio assim, eu estou falando assim porque também tem, tem algumas coisas que marcam assim. O problema está em como eles

pressionam a família, como pressionam em tudo. Não só para você também se sentir culpado de uma coisa que eles são os responsáveis.

**HELENA:** E eles prenderam também a Marilene?

**MELGAÇO:** Prenderam a Marilene também. Menos tempo, mas prenderam a Marilene. Então, são coisas que mostram como faziam para poder destruir a pessoa psicologicamente. Fala assim “Você é responsável”, fala assim, com minha mulher, Loreta “Olha, você é responsável pela morte dele, porque a gente não vai liberar ele para tratamento. Aí, se ele morrer, é culpa sua.” Aí ela (trecho incompreensível) “Culpa minha não. A culpa é de vocês, vocês são responsáveis.” Então, aí passa, eu volto, saio do Colégio Militar e vou para o DOPS, em Belo Horizonte. Lá no DOPS a pressão psicológica é muito grande, então, por exemplo, dormir sem colchão, comida, todo dia comida estragada. Eles deixavam a comida dois dias lá para você comer. E, não tinha jeito, era comida azeda, era feijão e arroz e, basicamente. Então, era para debilitar o máximo. E, voltando ao colchão, com pulga, com tanta pulga que você não conseguia dormir. Eu dormia em pé, encostava na parede, dormia em pé, aí a hora que estava quase dormindo descia, mas pouco tempo depois tinha que levantar por causa quantidade, é pulga mesmo. Eles depois tiraram (trecho incompreensível) e lá também o Tacir, não só ameaçava, mas também deu pancadas. Mas num outro nível, porque foi no próprio DOPS. O DOPS já tava com problema porque ele, em volta, as famílias lá já

estavam protestando contra os gritos que estava sendo ouvidos a noite. Eram muito fortes. Por isso, a violência que foi executada contra essas 80 pessoas, já tem vários, eu deixei um livro aqui do Ayres, que foi preso aqui, foi muito torturado. Teve um outro que foi preso, José Carlos Dias, falou que, inclusive foi advogado dele, com outro nome, só descobriu depois porque a pessoa não dizia quem era nem nada. E tinha muita gente que não tinha medo de nada com nada, gente que foi vender bilhete de teatro e coisa assim, então, era uma situação que eles estavam com dificuldade grande de concluir o inquérito. Todos os outros estavam concluindo o inquérito e eles não. Então, a repercussão da tortura foi tão grande, que eles, e não foi só eu, porque eles já tinham prendido o Gilson, (trecho incompreensível) Cesar, que foi presidente do DCE, já tinham prendido o (trecho incompreensível), várias pessoas que tinham projeção e que começou a ter pressão. A família de Loreta mesmo, não tinha nada de política, mas também tinha contatos. O pai dela era um judeu, alemão, que saiu da Alemanha por conta da guerra, aprendeu, tinha vários idiomas, falava vários idiomas e teve em Portugal e depois veio para o Brasil. Saiu de Porto Alegre e foi para a Bahia já casado e teve a filha, e tinha contatos.

Ele passou a trabalhar nas firmas de exportação de fumo, então firmas holandesas, firmas da Europa. E passou a participar de Lions Clubes, não sei o que clube, (trecho incompreensível) passou a ser gerente de empresa em Salvador e, com isso, tinha contatos também com (trecho incompreensível). Conseguiu visitar Loreta dentro da prisão. Isso foi um negócio assim de, uma confusão. A pressão passou a ser muito grande em cima deles. E essa pressão fez com que o Coronel Goes fosse destituído da presidência do IPM. E quem entrou em seguida foi Sebastião Paixão, que passou a assumir. E o Sebastião Paixão ele chegou e falou assim “Olha, você pode ter certeza do seguinte, eu não sou torturador e não vou te torturar. Isso eu não vou fazer. Agora, você tem de falar, porque se não falar eu vou ter que te entregar para outros que sabem torturar bem, e vocês já ouviu falar deles.” Aí ameaça, ameaça, ameaça, um belo dia me levam para o Colégio Militar, bem cedo da manhã me levam para o Colégio Militar de Belo Horizonte, e lá ficou Gomes Carneiro e o Capitão Marcelo. E durante todo dia espancamento, choque elétrico, afogamento, pancada, para poder dizer. Que também não resultou em nada. Voltei, e eles falaram assim “Ele não tem mais nada, não tem nenhuma informação ainda.” Lá no Colégio Militar vi um outro preso, Pery Falcón, esse Pery Falcón mora na Bahia, foi preso, parece que (trecho incompreensível) a UNE também arrependeu, mas eu vi, e ele também tinha sido torturado por Gomes Carneiro.

Esse daí foi o problema do, basicamente, não sei se nessa parte tem alguma pergunta, algum esclarecimento...

**HELENA:** Só, sobre... Você foi levado para essa delegacia, essa casa na região da Pampulha ou Venda Nova. Quem te levou para lá?

**MELGAÇO:** Foi o...

**HELENA:** Jésus?

**MELGAÇO:** Foi o Marcelo.

**HELENA:** Tenente Marcelo, que outros?

**MELGAÇO:** E o Goes.

**HELENA:** E o Goes. (Trecho incompreensível)

**MELGAÇO :**O tenente Marcelo, ele trabalhava muito com o Gomes Carneiro. Mas tá no inquérito nosso também.

**HELENA:** Foram eles que te prenderam lá na casa em Contagem?

**MELGAÇO:** Sim.

**HELENA:** Foram os (trecho incompreensível). Esses dias, você, o José Afonso foi preso com você também?

**MELGAÇO:** Foi. Foi. José Afonso, José Alencar...

**HELENA:** O Ênio e o Mário (trecho incompreensível).

**MELGAÇO:** E o Ricardo.

**HELENA:** O Ricardo Angelim. Foram todos juntos. Você teve...

**HELENA:** (Trecho incompreensível) talvez de Linhares, falar um pouco da sua estadia de Linhares. Em Linhares, né?

**MELGAÇO:** Linhares era uma prisão agrícola de presos não políticos e que, diante daquela situação, eles colocaram lá como uma das áreas de recolhimento de presos políticos. Então já tinha ido para lá, o pessoal de COLINA, que é um processo um pouco mais rápido, e eu fui já no fim do ano de 69 e sem nenhuma informação. Um belo dia chegaram lá falando assim “Pegue suas coisas”, (trecho incompreensível) a gente separava primeiro, “Vocês vão ser conduzidos pro Rio para poder ser interrogados lá”. Esse tempo (trecho incompreensível) eu tinha processo no Rio, provavelmente tinha mesmo, né? Realmente tive processo no Rio, não sabia, mas a gente já estava sabendo que era possível ir para outro local. Eu tinha ficado no Rio, tinha ficado em São Paulo. Quando foi, a gente pela fresta a patrulha olhando, tinha escolta assim e tudo. Mas olhando, e aí identificamos, “Estamos indo para o Rio mesmo”. Aí depois de um certo tempo a gente falou assim, “Será que é Rio mesmo, será que não pode ser Linhares?”, aí



de repente entram para Juiz de Fora, a gente conseguiu identificar. Aí foi assim, foi um alívio saber que não ia, porque se fosse para o Rio ia ser novas torturas. Aí fomos para Linhares. Entramos, aí as famílias podiam visitar com determinada periodicidade. Grande parte dessas famílias ia (trecho incompreensível), o pessoal ia fazer visitas, o que era muito positivo. Eles não podiam conversar mais sobre o que tinha acontecido, passamos diversas informações, na época, sobre tortura. Eu tenho um documento manuscrito da minha mãe que foi cópia de uma carta que ela recebeu, ela deve ter repassado a carta e copiou manualmente. Eu achei essa carta lá que é (trecho incompreensível) a descrição da tortura na época. E que, mas aí uma situação que a gente reestruturou toda a vida dentro do presídio. Uma solidariedade muito grande entre o pessoal preso, havia contradições, às vezes mais entre, dentro deu uma mesma organização do que entre as várias organizações. Tinha muita coisa por causa daquele resquício ali de minha organização, que é a certa, você que é errado. Então, isso era uma coisa que existia, mas quando ia se dizer a respeito (trecho incompreensível) da organização interna, entrava a comida, a comida ia pra um lugar comum e era distribuída, mais ou menos, (trecho incompreensível) alguma coisa, tal. O café, entrava Nescafé, se preparava o Nescafé, batia, alguém ficava batendo durante um bom tempo, botava água quente e distribuía para quem que tomasse café, tinha chá, tinha essas coisas, mas era um tipo coletivo e que funcionava. Depois de um tempo a gente conseguia baldes, fechava e produzia. Pegava casca de batata, (trecho incompreensível) comer batata, “Pode descascar”, “Pode”, eles descascavam, eu pegava as cascas e deixava fermentando. Abacaxi, casca de abacaxi, fermentava. Uma vez ou outra, se eles não conseguissem pegar, a gente tinha um pouco de espírito chamado álcool. Então era uma coisa, assim, que você procurava viver da melhor maneira. Pegava qualquer livro que era possível ler e montava discussões, aqueles corredores de cela, mais um andar, em cada piso aí fazia o “Você sabe sobre a União Soviética, conta a história da União Soviética”, “Você vai contar a história do Vietnã, da guerra do Vietnã, o que você sabe?” Aí começou a se divulgar as coisas. “Ah, você já leu Lenin, diga quem foi Lenin, o que é que ele fez, não sei o quê...”. Então isso era uma coisa pública, ninguém tinha medo de falar de suas posições. Todo mundo era contra a ditadura, todo mundo. Então era um negócio assim que também você passou a aprender coisas, estudar. Quer dizer que, o que entrava assim a gente conseguia desenvolver, que era uma coisa extremamente positiva. Ao mesmo tempo nós (trecho incompreensível) em outros presídios, (trecho incompreensível) documentação mandava para fora relatando o que é que tinha

acontecido. E ali é uma coisa que eu acho que tem que recuperar, porque saiu, pode ser, não sei se (trecho incompreensível) ter um arquivo, mas porque muita coisa vinha (trecho incompreensível) não tinha correspondência da Suécia com Helena Greco. Então, mandava carta, mandava (trecho incompreensível) mais próximo da anistia, qual era a minha situação jurídica, se tinha passaporte, não sei. Toda essa correspondência era enviada para cá e deve ter em algum lugar também aqui. Aí teria de verificar. Na Bahia, por exemplo, como teve anistia, por exemplo, preservou praticamente toda documentação. Depois foi (trecho incompreensível) Comitê Anistia, Direitos Humanos porque tinha acabado anistia, anistia dos Direitos Humanos, depois passou a ser mais Comitê Tortura Nunca Mais, que funciona até hoje, ativo, todas as torturas atuais que tem lá, tem deferido. Então, é muito vinculado a Direitos Humanos. Basicamente com trabalho que foi feito e tem muito material, porque tem muita gente que fez doações para o Tortura Nunca Mais. Jordaniano, não sei se vocês conhecem, participou de todos os congressos da anistia, participou de todas as atividades, um dos congressos foi na Bahia. Então ele é muito centrado, é um sociólogo, professor de universidade, muito centrado, eu repito, porque tem muita informação e muito documento. A biblioteca (trecho incompreensível) uma biblioteca grande e muita gente deixou materiais, então é coisa que provavelmente a hora que começar a digitalizar todo esse material, vai ser um acervo grande. Mas é possível, talvez, resgatar... Eu posso ver se resgata alguma dessas cartas (trecho incompreensível). O que eu deixei aqui foi correspondência de Loreta com a anistia internacional, (trecho incompreensível) que dá uma ideia assim de denúncias e se ver assim uma denúncia de qualquer prisão que tinha, independente de partido, era denunciado e se fazia campanha. Não perguntava que organização. Foi preso... Então tinha a luta pela, para não ser torturado e poder, é... Conseguir a liberação.

**HELENA:** Uma pergunta sobre Linhares. Você viu, você foi torturado em Juiz de Fora ou viu alguém ser torturado dentro ou fora da penitenciária de Linhares?

**MELGAÇO:** Não. Lá em Linhares a gente... Eu não sei se alguma pessoa foi, saiu, porque a gente, às vezes, não controlava isso. Que às vezes, alas diferentes aquilo pode ter sido. Mas lá, por exemplo, o pessoal da COLINA já tinha sido levado pro Rio, ou já tinha sido levado para outros lugares e tinham sido torturados em outros lugares. (Trecho incompreensível) tortura, pessoal da COLINA foi objeto de, foi servido de cobaias para ensino de tortura no Rio.

**HELENA:** Eu vou voltar em uma coisa que você falou. Lá no Colégio Militar, quando você esteve lá e foi torturado lá, tinha algum professor? Porque também têm denúncias de que lá serviu como escola para tortura (trecho incompreensível) Colégio Militar.

**MELGAÇO:** Bem, o Valdir Goes era professor de lá, e não sei se...

**HELENA:** Ele estava, ele era um dos que (trecho incompreensível)...

**MELGAÇO:** Ele era um dos torturadores. Eu não sei se, eu não sei se lá chegou a funcionar ainda nesses termos, porque também começou a ter uma reação dentro do Colégio Militar. Porque isso saiu para fora, que o Colégio Militar estava sendo o mesmo caso do DOPS, que eles não puderam mais ficar torturando ali em volta, o Colégio Militar eles passaram a não torturar mais no Colégio Militar por causa da repercussão que estava tendo, inclusive entre os alunos. A reação dos alunos, porque muitos alunos sabiam. Eu tinha primo que estudava no Colégio Militar. Provavelmente era uma coisa que... Isso aí gera reações.

**HELENA:** E digo, só para finalizar, de Linhares você foi (trecho incompreensível)?

**MELGAÇO:** De Linhares eu fui, fui liberado no dia em que tinha terminado uma greve de fome, e eu e Gilnei fomos presos lá dentro e levado para uma outra ala, isolados, em uma ala que não tinha ninguém. E eu abri um inquérito para apurar a subversão dentro da cadeia. Um negócio assim meio, e a gente não tinha nada. Porque o que a gente falava, que a gente era contra a ditadura, todo mundo gritava “Abaixo a Ditadura”, cantava o Internacional Socialista, Comunista, não tinha... Músicas, aquelas músicas de protesto. Então a gente estava preso, aí eles chegam, batem na minha cela, fala assim “Pegue suas coisas”, depois que a gente (trecho incompreensível) ali no isolamento. “Pegue suas coisas”, aí eu falei “Gilnei, estão me levando”, aí Gilnei começou a bater nas portas, chegou na janela e gritou que eu estava sendo, saindo. Aí o pessoal todo mundo começou a cantar pensando que estava indo para o campo, e o pessoal ficou furioso. Falei assim: “Tão me levando”. Aí, chega lá embaixo, manda tirar a roupa, me revistam todo, aí falou, era uma penitenciária isolada, falaram assim: “Agora você vai para Juiz de Fora”, “Como é que eu vou? Isso é distante da cidade, como é que eu vou?”, aí um dos caras chegou para mim assim “Oh, seu advogado falou que é para você chegar lá e se mandar. Porque é questão de tempo, eles logo que descobrirem que soltaram, vão mandar prender de novo.” Eu conversei, falei assim: “bem, vocês me levam até Juiz de Fora, me deixam na rodoviária e me dá o dinheiro para passagem.” E eu consegui isso, porque o advogado ligou, falou “Se manda daí, não fique aí, não”, porque eu não estava acreditando que ia ser solto, não. Eu falei “Eles vão me matar. Vão me botar na rua...”

**HELENA:** O seu advogado era o José Afonso ou ele também tava preso ainda essa época?

**MELGAÇO:** Não, era o José Afonso e o (trecho incompreensível).

**HELENA:** (Trecho incompreensível), Carlos (trecho incompreensível).

**MELGAÇO:** Então falou assim “Se manda”. Aí, chego na rodoviária, nunca tinha visto tanto barulho na minha vida, porque a penitenciária isolada, não tinha nada assim. Chego lá, aquele barulhão, entro no ônibus, chego em casa, tá, e aí que eu fiquei um pouco. Depois, não tinha contato com ninguém, sempre tive (trecho incompreensível) em todas as prisões já? Fiquei lá um certo tempo e consegui o contato de novo. Consegui o contato, e aí fui para Mariana, tive o primeiro contato com uma pessoa, todo cheio de cuidado por causa das prisões, e aí foi assim “olha...” Ouviu tudo e tal. Aí ele tá assim “Vamos marcar para daqui um mês um novo contato na igreja de Sabará, que a igreja está em construção até hoje”, “Então tá bom”. Fui para casa e fiquei quietinho, não tinha nada, não podia fazer nada, num pode sair assim. Aí vou pra esse contato, aí minha irmã ficou de longe, falei “Se eu não vier é porque fui preso”, aí não aparece ninguém. Aí, fui para casa, aí o pessoal assim “Se manda, porque prenderam o pessoal de novo aqui”. Aí, com isso eu fui, fui, eu me mandei para o interior, fiquei no interior até que minha mulher tinha si...

**MELGAÇO:** Da prisão, e os médicos consideram que foi por causa da prisão, passou a ter, desencadeou um problema cardíaco. Quer dizer, ter de ficar com o choque elétrico, problemas de alimentação, a tensão. Quer dizer que, o conjunto, a própria tortura como um todo. Eles consideravam que era por causa disso. E disse que havia um caso de prisioneiros de guerra no Japão e pessoas muito, em condições péssimas de nutrição, nos países da África que tinha essa doença, uma doença rara, mas que começou a aparecer em Pernambuco, e o pessoal lá considerou que não tinha condições de fazer nem diagnóstico nem tratar, porque o negócio era o pessoal (trecho incompreensível). Então ela tinha ido para São Paulo, para fazer tratamento, tava iniciando para descobrir o que é que era ainda, e eu... E ela conhecia também muita coisa de Minas já, entrou em contato através da família e eu passei, voltei para São Paulo. Em São Paulo, aí a gente ficou, (trecho incompreensível) 71, praticamente de 71 até 73, ficamos em São Paulo. (Trecho incompreensível) clandestinamente. E ela com um problema grave de saúde, foi indicado transplante pela equipe de (trecho incompreensível), mas ele num parou, fez dois transplantes e tinham sido suspensos os transplantes. E, com isso, o médico dela

(trecho incompreensível) da equipe de (trecho incompreensível) sugeriu ela sair do país e ir para o Chile, porque lá ia continuar fazendo certas experiências nessa área de cirurgia. Foi um de Santos, e que o ideal seria ir para lá. A gente, na época, quando eu mexia com legalização popular, (trecho incompreensível) popular Marxista, em 73 tinha entrado pro Partido Comunista do Brasil, PC do B, e o partido tinha uma política de o pessoal todo ficar no Brasil, então para sair tinha que ter autorização. Aí mandaram a gente sair por causa do tratamento para poder fazer um trabalho de divulgação do que é que existia de luta aqui no Brasil, porque ele tava bem por dentro, sair, fazer o trabalho de solidariedade lá. E chegamos lá, ao Chile, o golpe aconteceu antes, praticamente...

**HELENA:** Vocês estavam na Argentina?

**MELGAÇO:** A gente tava, foi para a Argentina e... Ela tava muito cansada, porque a gente foi de ônibus de São Paulo a Buenos Aires. Ia descansar em Buenos Aires, mas coincidiu que era um fim de semana, um feriadão, e estava assim, a gente pegou e resolveu ir direto. Passamos na fronteira de noite (trecho incompreensível) assim, entreguei o passaporte, que não era meu, né? Entreguei o passaporte, ela tinha carteira de identidade legal, em outro nome, e aí saímos. Foi aquele alívio e, mas logo depois ela, falei assim “Vamos ficar aqui para descansar”, e tínhamos... A esposa do médico passou para a gente um contato de médicos lá na Argentina e a gente tinha um contato também na Argentina, se fosse preciso utilizar, por causa da situação de saúde dela.

Aí com o golpe a gente ficou na Argentina, aí foi todo o trabalho que a gente participou de um Comitê de Solidariedade dos Povos Latino-Americanos, COSOLPA, que funcionava uma Associação Psiquiátrica Argentina, na sede da associação. E lá, aí todos, todo o pessoal que chegava de embaixada, que chegava atravessando a fronteira, que chegava de qualquer maneira, entrava em contato. E aí eles providenciavam a casa para ficar, providenciava, é, discussão com a comissão de refugiados das nações unidas para poder ver onde é que podia ir, para que país, e aí entrava Uruguai, os chilenos. E a gente ia para as faculdades para fazer atividade de divulgação da luta do Brasil, os Uruguaios do Uruguai, os paraguaios do Paraguai, porque estava todo mundo lá. E aí realizamos alguns atos importantes na Argentina, um dos atos na Federação de (trecho incompreensível), participou o Augusto (trecho incompreensível) que é um dos jogadores, Fernanda Dutra aqui da censura, da, do processo de repressão todo, da guerrilha no Araguaia, então é um quadro geral do quê que acontecia no Brasil. E a gente fazia feijoada para 50, 100 pessoas, mas não tinha couve. Aí a gente descobriu que lá tem acelga, aí a gente partia a acelga e fazia de conta que era couve. Mas, e pegava, por

exemplo, pessoal de teatro, de cinema, aquela atriz Norma Aleandro cedeu a casa, a gente morou lá na, com ela um tempo, mas tinha todos os artistas. A mulher de (trecho incompreensível) separou dele e foi para a Argentina, e acabou casando com um diretor de teatro também, que aí a gente era muito amigo, então começou a fazer um trabalho nessa área de, dos artistas de tele qualidade, fazendo festas, assim, nos shows, eram maiores, aí o pessoal, (trecho incompreensível) de Souza, (trecho incompreensível), esse pessoal todo aparecia e cantava alguma coisa para poder prestar solidariedade ao povo brasileiro. Ficamos lá, editamos o material escrito, jornalzinho em espanhol, para fazer a distribuição lá. Tinha muita informação que às vezes não chegava no Brasil, a gente mandava pra a rádio Pequim, para a rádio Soriana, para a BBC. Muitas dessas notícias eram retransmitidas, porque elas eram de primeira mão, então conseguiu fazer esse trabalho. Da Argentina a gente, a situação da Argentina foi piorando, em início de 75 a gente pediu asilo à Suécia, a gente estava na Argentina, entrou clandestinamente, e depois eu consegui residência permanente, devido ao governo Perón, mas também ninguém sabia, nem ele sabia onde é que morava, mas tinha residência permanente. E pedi asilo para a Suécia, como tinha várias pessoas lá que tinha contato com embaixada sueca e que conheciam problemas de saúde, tinha toda a documentação em relação à repressão, aí foi extremamente rápido, a gente foi para a Suécia, na Suécia eles deram todo o apoio, inclusive eu terminei o curso de Medicina, iniciei aqui em 63 e terminei lá em 80, não foi por falta de vontade de estudar não, foi porque fui impedido de (trecho incompreensível), eu fui expulso da faculdade aqui, na UFMG.

**HELENA:** Você foi expulso pelo 477?

**MELGAÇO:** É.

**HELENA:** Porque tem outro grupo de trabalho aqui, talvez (trecho incompreensível).

**MELGAÇO:** É, agora, tem um negócio assim que, eu tinha sido preso uma vez aqui, na greve de Contagem, porque eu era um cara de conhecia bastante o pessoal que atuava no movimento operário, e durante a greve eles fizeram uma assembleia no sindicato, e aí saiu todo mundo, e eu fui para, e prenderam, tinham prendido o Ênio Seabra, e tinham prendido o...

**HELENA:** (Trecho incompreensível)?

**MELGAÇO:** Não, o Luís Marcos de Magalhães (trecho incompreensível), que também ajudava o trabalho lá na Cidade Industrial. E aí, quando eu conheci o pessoal de lá, eu fui para lá para retomar o contato, no mesmo dia da greve, eles fizeram assembleia e tal. Aí veio descendo o pessoal do sindicato, as principais lideranças, e eu vinha subindo a rua,

e até o (trecho incompreensível) de Paula e Loreta do outro lado da rua, aí, inclusive ele via o que é que acontecia. Na hora que eu chego junto com pessoal, o pessoal do DOPS cercou todo mundo e ia prender todo mundo, aí um cara me pega por trás, (trecho incompreensível) segura assim eu viro um (trecho incompreensível) um cara cai lá, aí o pessoal largou todo mundo e veio todo mundo para cima de mim. Aí me prenderam, na hora que botaram o revolver na cabeça eu falei: “Calma, calma, calma”. Já tinha incidentes antes, então com isso o pessoal já sabia, minha atuação política era aberta.

**HELENA:** Isso foi na greve de 68?

**MELGAÇO:** 68, mas antes eu, não só era de diretório, mas também participava ativamente, participei durante um período de apoio a (trecho incompreensível), que era uma coisa também conhecida, era uma coisa que não era, na época não, até 68 era uma coisa, a gente atuava abertamente, aqui a gente falava contra a ditadura, fazia passeata de calouro, voltava contra a ditadura, fazia, 66, eu ia para (trecho incompreensível) DCE, era conhecido.

**HELENA:** Mas foi essa prisão sua que gerou o seu processo...

**MELGAÇO:** Eu não sei, isso aí foi logo depois. eu fui descobrir em 68, início de 68. O informe da (trecho incompreensível) fala que foi o 477, mas, por exemplo, o 477 eu acho que foi em 68, não foi? Então, aí fica um negócio assim, mas, por exemplo, a (trecho incompreensível) diz que eu fui

escolhido pelo 477... Eu vou mandar depois esse relatório para o pessoal da (trecho incompreensível) que também contém umas informações até 68, algumas não tem cabimento nenhum, eu fiz tanta coisa que não sabia.

**HELENA:** Era só preparando um outro relatório sobre os estudantes e professores atingido pelo decreto 477. Mas aí, era outras coisas, acredito que depois, apareceu alguma coisa.

**MELGAÇO:** (Trecho incompreensível) da Suécia, formei, lá a gente, ao chegar a gente procurou, tinha um brasileiro lá que era descendente sueco, que a gente tinha contato com ele e que me deu toda informação. Todo mundo na Suécia que já tinha escrito alguma coisa sobre o Brasil, jornalista, advogado, ou livro. Então a gente entrou em contato com todo mundo, entramos em contato com a anistia internacional, participava das reuniões deles, da anistia sueca, mandava, quando chegava muita informação para a gente, a gente mandava para a anistia, o (trecho incompreensível) diversas vezes participou das reuniões da anistia em Londres, para poder trabalhar. Ela participou do tribunal da anistia em, na Itália, foi organizado...

**HELENA:** (Trecho incompreensível).

**MELGAÇO:** Ham?

**HELENA:** (Trecho incompreensível).

**MELGAÇO:** Foi o tribunal 2, que era sobre anistia, aí ela apresentou relatórios sobre a censura no Brasil, ela já trabalhava na rádio Suécia como jornalista, então ela apresentou relatórios da tortura, que o pessoal aqui preparou, jornalistas daqui tinham preparado. Vou ver se encontro esse relatório também, que eu tinha cópia, passar... Mas também na Itália deve ter, porque era um senado italiano que tava promovendo esses (trecho incompreensível). E então tivemos atuação nessa faixa, de ir abertamente contra a ditadura, no exterior, divulgando tudo de luta, a campanha para levar César Benjamim, que ele tinha 17 anos e tava praticamente para ser condenado ou prisão perpétua ou à morte. A gente fez uma campanha grande e conseguiu que ele fosse para a Suécia. O irmão dele, (trecho incompreensível), já tinha sido liberado no sequestro, já estava na Suécia, então a gente conseguiu fazer atividade grande. Por exemplo, vários deputados suecos participaram de atividades e fizeram abaixo-assinado contra tortura, pela anistia no Brasil. Em Portugal a gente tinha também contato, praticamente todos os deputados de todos os partidos fizeram abaixo-assinado em relação à anistia, liberação de presos políticos no Brasil, depois de 74, que teve a revolução dos cravos.

**HELENA:** Lembra de mais alguma coisa que seria relevante dizer sobre esse período?

**MELGAÇO:** Eu lembro, por exemplo, essa visita que eu fiz ao (trecho incompreensível), mas nunca tinha pensado tanto assim, mas uma coisa que tocou bastante, e foi a primeira vez que eu peguei, e coloquei em, explicitamente foi uma noite de terror. Quer dizer, eu fiquei lá uma noite, e uma noite assim de terror completo. Então não é uma coisa fácil de você voltar ao passado, agora o problema é que a gente tem feito denúncia de tortura em todo lugar, denúncia dos torturadores, estão querendo que a lei da anistia seja feita de acordo com o espírito dela de...

**MELGAÇO:** O torturador não pode ser, ficar impune. Então seria reinterpretar, né? Mudar a lei, interpretar a lei da maneira que deve ser feita de acordo com a legislação internacional em relação ao (trecho incompreensível), como tortura (trecho incompreensível) é um tratamento desumano, imprescritível, que quem pratica a tortura tem que ser punido. Então, ao mesmo tempo que você tem esse sentimento de dificuldades, de sofrimento, e reviver aquilo, ao mesmo tempo você está sabendo que isso aí pode servir para terminar com a (trecho incompreensível) de tortura. E, na Bahia, eu participo, desde a fundação (trecho incompreensível) anistia de Direitos Humanos



(trecho incompreensível) Tortura Nunca Mais, e agora estou participando da Comissão Nacional de Opressão e Combate à Tortura. (Trecho incompreensível) porque continua tendo a tortura, então o problema de, não é assim, de porque eu fui torturado, é porque a tortura não pode existir no país. Quem tortura tem que ser punido. E isso nós vamos ver todos os dias na televisão. A polícia chega, a primeira coisa que ele faz é batendo, depois, antes de saber quem é, e tem cometido crimes. Aí a gente vê Amarildo, na Bahia teve outro semelhante, de chegar já, gravado, chegando batendo, some a moto da pessoa, some tudo, depois aparece morto em outro lugar e sem nenhum tipo de registro policial contra aquela pessoa. Então esse tipo de coisa assim exige que sociedade brasileira tome uma posição, que os direitos humanos, a cidadania prevaleçam no país. Então é uma coisa, assim, que eu não vejo assim, pelo menos de vingança, tanto que eu acho extremamente positivo quando torturadores, elementos do exército vêm prestar depoimento. Naquele dia (trecho incompreensível) eu assisti, não é uma coisa assim que, eu falei: “É um absurdo o que fizeram”, mas, por exemplo, ao revelar os fatos, mesmo não tendo (trecho incompreensível) a consequência, não teve punição em relação a eles, mas é extremamente importante para a sociedade brasileira. Eu acho que todo mundo que tem algum tipo de informação deveria prestar essa informação, porque a informação não é minha que fui torturado, minha irmã foi presa, meu pai foi preso. Se pudesse pegar o conjunto das pessoas que sofreram com isso, os artistas que tiveram suas poesias censuradas, suas música. Quer dizer, é uma coisa assim que exige que seja aprofundado o processo democrático brasileiro. Por isso que é importante esse rumo que o Brasil está tomando, de ampliar a democracia, ampliar a participação popular, para que a gente consiga barrar qualquer tipo de violação de Direitos Humanos e, também, qualquer tipo de ditadura que venha a ocorrer no país.

**HELENA:** Obrigada, Carlos.